

MUSEU : BIBLIOTECA

Data publicação

Diário Grande ABC:
Coluna Memória

Folha para Hemeroteca

18/5/88

Cl:

Assunto:

Dona Elizabeth e seus 500 afilhados

Mas, meu canto bonito, nem dor nem corrente jamais abafou. Pois, ser livre eu queria, Meu Deus, és a força de quem confiou (canto litúrgico).



A senzala ficava às margens do velho Caminho do Mar, no ponto exato onde está hoje o Paço Municipal de São Bernardo. Ali, no início deste século, era possível avistar os palanques com os argolões de ferro e correntes, onde os negros ficavam amarrados em presilhas nos tornozelos. Quando os Sabatini chegaram, em 1902, eram muitos os remanescentes dos negros com chagas, com feridas.

As lembranças são de Alfredo Sabatini, filho de Samuel e Elizabeth Bechelli Sabatini. Alfredo nasceu em 1911, em São Bernardo, e prestou, semana passada, rico depoimento histórico ao Serviço de Documentação da História da Cidade. Contou que sua mãe e outras mulheres trataram destes negros. Fizeram curativos, ensinaram, doutrinaram:

- Talvez não fossem todos os italianos que se condoeram mas, meus pais sim. Eles trataram dos negros inclusive com alimentação. Minha mãe levava-os para a igreja, batizava, com qualquer idade. Ela deixou uns 500 afilhados negros. Quando morreu e seu corpo foi

velado a casa foi rodeada pelos negros, que choravam, nos abraçavam e diziam: "Nossa mãe morreu".

O depoimento de Alfredo Sabatini é de fato muito rico e merece ser conhecido. A seguir, alguns trechos, referentes à questão do negro.

Fatos e personagens

Em italiano - O negro se dava muito bem com o italiano. Os imigrantes falavam com eles em italiano e eram entendidos. Havia o diálogo.

Adão e Eva - Eram dois ex-escravos, bastante velhos. Andavam na Marechal Deodoro, eram corcundinhas. E todo mundo os tratava com carinho. Davam alimento. E eles às vezes sentavam no meio-fio da calçada e contavam as histórias que passaram. E as crianças ficavam ali ouvindo toda aquela vida de loucura que passaram, o sofrimento, as chibatadas, as fugas dos cercados, onde ficavam presos ao relento, dia e noite.

Senhores - Alferes Bonilha, os Galvão Bueno, o coronel Mascarenhas se utilizavam da escravatura. A maldade do Alferes Bonilha era comentada nos quatro cantos. Fazia coisa demoníaca. Coronel Mascarenhas era dono de uma fazenda de café, a primeira do Estado, como se

MUSEU : BIBLIOTECA

Folha para Hemeroteca

Cl:

Data publicação

18/5/88

Diário Grande ABC:
Coluna Memória

Assunto:

dizia, que existiu entre Piraporinha e o atual traçado da Via Anchieta, altura da indústria Mazzaferro e Mackro Atacadista. Era a fazenda do Dr. Homero Mascarenhas. Alfredo Sabatini chegou a conhecer o cafezal já seco, isto há 60 anos. Os pés de café, secos, estavam abandonados. Havia também grande produção de chá em São Bernardo, de uva e, conseqüentemente, de vinho. Tudo, outrora, tocado pela mão-de-obra escrava.

Tomar conta - Alfredo Sabatini, já mocinho, saía à noite para namorar e negros descendentes de escravos se apresentavam para ficar com sua mãe. Chamavam-se Expedito, Geraldo. E diziam: "Alfredinho vai namorar e a mãe vai ficar sozinha. Então eu ou você fica com a mãe, para tomar conta". E eles ficavam até a volta do amigo.

Maneco do Padre - Capitão Manoel Eduardo de Almeida, o Maneco do Padre, dono do Cartório, era mulato. E há uma história engraçada. Quando pediam a ele que pagasse uma cerveja, Maneco fazia-se de surdo. Mas quando alguém o convidava a tomar cerveja ele prontamente atendia.

Boêmios - A cidade conheceu seus negros boêmios, que cantavam, bebericavam e não mexiam com ninguém. Estavam integrados à vida da cidade. Entre eles Chico Cartola, Atilio Pessegueiro, Chico David.

Sociedade Italiana - Em determi-



nados bailes a Sociedade vedava a presença do negro. A saída deste foi criar o seu próprio salão, o Bola Sete, que funcionou na Marechal, no antigo Cine Central, que também foi sede do Esporte e do Palestra e depois foi dos negros. Tudo era ali, perto da rua Dr. Fláquer, no centro histórico local, de tantas passagens.